



moa sipriano

enrico

m o a s i p r i a n o . c o m

ENRICO

Moa Sipriano

A primeira vez

Três horas da manhã.

Minto. Devo ser preciso.

Esfrego os olhos.

Ignoro o Outro a roncar, encruado, no lado direito na cama.

Três e dois.

Se não for um convite para sexo, acho que ninguém merece ser incomodado na madrugada.

Morte? Acidente? Falta de camisinha?

Que porra aconteceu agora?

Era Jakob. Só podia ser Jakob.

E o que ele queria?

Ah, sim, o filho sem mãe havia perdido o sono e, claro, sem mais punhetas alheias para socar em suas virtuais caças ancestrais, meu amado bambee resolvera papear, todo aceso, com o velho amigo aqui do outro lado da ilha.

O teor da conversa? Bobiças.

Fez todo um carnaval para me alertar que Lovland agora possuía em suas entranhas a porra de um supermercado!

“Mininu, inaugurou ontem! Tem de tudo. Agora a gente não precisa mais cruzar a ponte, aos sábados, para comprar nossos Verdes, né fofo?”, foi assim que terminou a fantástica novidade.

Se bem que, acredito, devo ter sido muito delicado ao enfiar o fone na cara dele, desligando o aparelho com uma leve batida peculiar, destroçando de vez o plástico asiático em cacos variados que se espalharam pelo chão de madeira.

Do lado de lá, um petrificado Rivo dormia um sono escaldante, roncando e babando e ignorando o mundo das libélulas purpurianas.

* * *

Alguns dias se passaram após esse episódio que ampliou meu belo par de olheiras permanentes. Já perdi a conta de quantas noites em claro tenho vivido a matutar a melhor maneira de abordar meu marido sem iniciativas; deixando sob minha responsabilidade a abertura do jogo dos nossos setenta erros.

Ainda é sexta-feira. Abro a geladeira e encaro um BOO! bem sonoro. Tá certo. É hora das compras da semana. Vamos lá conhecer a porra do primeiro “super” mercado loveano.

* * *

Até que o prédio era bem bonitinho. Um galpão simples, amplo, brindado com muita luz natural. Gôndolas e prateleiras fizeram a alegria de um sujeiTOC como eu.

Tudo impecavelmente limpo, tudo muito bem sinalizado.

Notei um açougue de primeira – o qual apenas encarei à longa distância! – e uma padaria repleta de guloseimas quebra-dietas, coloridas e aromáticas no ponto exato da suprema tentação. Em resumo, um adequado estabelecimento. Lovland estava, finalmente, bem servida.

Cruzei com faces conhecidas, embasbacadas com a novidade. Muitos “oi”, “e aí”, “como vai você”, “quanta promoção, não é mesmo?” ao atravessar cada corredor.

Pude me divertir na escolha dos meus legumes, frutas e verduras. A variedade merecia palmas e assovios fervorosos. Orgânicos, fartura e qualidade. Tudo a justo preço!

Confesso: era um ótimo lugar para compras. Lovland deixava de ser uma ilhota travada no tempo.

Coitado do Noah. Imagino as mudanças drásticas na sua bodega. Clientes seriam fatalmente perdidos. Apenas os fiéis da boa cerveja permaneceriam batendo ponto. Eu, inclusive.

Quinta, sexta e sábado! Boa cerveja e ótimas conversas de bar não têm preço.

Chega de gastar. Cadê meu Mastercard?

Atarantado como sou, só fui perceber que o tal estabelecimento ficava no fim do meu balneário – praticamente seis ruas de distância da minha casa – quase um mês depois, lá pela quarta visita solitária para a tradicional comprinha.

É notório que Rivo arrancara um peso enorme das suas costas arcadas, já que ultimamente era visível seu martírio por ser obrigado a me levar de carro até o outro lado da ponte, uma vez por semana, a fim de abastecermos nossa geladeira.

Há tempos que partíamos unidos em mundos paralelos. Som ligado para abafar a tensão. Um riscado disco repleto de MP3. Barbra na ida. Johnny Mathis na volta. Ele chora, eu choro. Nós dois permanecíamos calados, lacrados, vazios.

Bombas-relógio em contagens regressivas.

* * *

Setembro.

Pra variar, o tempo amalucado dava as cartas nunca marcadas, mais uma vez. Saí de casa com uma leve brisa a me empurrar pelas ruas de areia.

Exagerado, abarrotei quatro sacolas. Já no estacionamento do supermercado, lá estava eu plantado debaixo de um toldo roxo, encarando uma chuva fina, chata e gelada a atrapalhar o retorno ao meu lar amargo lar.

Muitas Prevenidas voltavam para suas residências empunhando suas sombrinhas coloridas, imensas. Outros compradores sequinhos e felizes partiam em seus Fox cheios de penduricalhos tilintando no retrovisor (coisas que só acontecem em Lovland: todo mundo que era o resto de todo mundo agora tinha um VW Fox prata na garagem), e eu ali, avaliando se deveria ou não encarar um pouco de gelo em cubos a riscar minha recente careca máquina um.

A santa mão pesada tocou sem jeito no meu ombro esquerdo. Um “olá, posso te dar uma carona?” muito simpático brotou de um sorriso gostoso lançado de uma inebriante cara quadrada rústica, tímida, perdida, envolta de cerrada barba queimada de sol e sal.

Realmente surpreso, agradei a gentileza com um leve sorriso de sincero alívio.

Quando dei por mim, já estávamos na frente da casa de Rivo – meu lar cada dia mais temporário –, conversando sobre nada, como se fôssemos tudo na vida um do outro.

“Bom, falamos uma porção de coisas, mas não tive oportunidade de me apresentar”, disse meu condutor, solícito.

“Meu nome é Enrico. Eu sou... bem... sou o... dono do merc... supermercado!”, alardeou o homem mais tímido do universo, enterrando o narigão no volante.

“Uau, quanta honra!”, eu disse, tontamente.

“Isso sim é saber cativar um cliente”, conclui, toscamente.

“Eu não deixaria um cara bacana como você tomar essa chuva toda, sem necessidade”, argumentou Enrico, olhando para além-mar, evitando minha surpresa, encarando as águas que anunciavam tremendo entusiasmo a batucar nossas latarias.

O sinal rosa de alerta púrpura soou de imediato. Acho que a gente não dispensa uma cantada assim. Meu ego foi galopar nas alturas. Há quantos anos que eu não me sentia desejado!

Que delícia!

Infelizmente, minha responsabilidade matrimonial me trouxe mais do que depressa para a realidade medonha.

Que merda!

Prestando um pouco mais de atenção, Enrico até que era tentador: um e oitenta, por volta dos noventa e poucos quilos bem distribuídos; braços e pernas marinados em exercícios da labuta diária, uma barba bem aparada, exalando eucalipto; um rosto eternamente corado, carrancudo, mas com pinceladas de delicados traços infantis;

cara de “quero colo”; boca profana, nariz afilado, olhos castanhos de um olhar embaçado, perigosamente triste, deliciosamente excitante.

O segundo sinal soou quando a conhecida mão pesada desabou (sabe-se lá como ele conseguiu o feito!) sobre minha nua coxa esquerda.

“Eu tenho lhe observado há tempos, meu rapaz. Peço desculpas pela minha ousadia, mas... eu tinha que... pelo menos... eu precisava tentar. Perdoe o que faço...”, ronronou Enrico, quase chorando, perdido num nervoso incômodo, retirando sua mão congelante do meu corpo, deslocado.

“Eu nunca *fiz* com homem. Nunca mesmo. Pode acreditar!”, resmungou o agora adolescente virgem, evitando a todo custo enfrentar meu olhar desconfiado.

Encarando o reluzir da sua aliança, eu quase desandei a rir, já que cento e dez por cento dos caras casados que saem com outros caras sempre proferem a mesma besteira universal.

Ah, sim. Enrico havia me passado todo seu currículo, antes da derradeira (para ele) revelação. Nascido e criado do outro lado da ponte, Enrico veio para Lovland há quatro anos junto com a esposa, grávida na época. Viajando todos os dias, continuou a trabalhar na rede de supermercados do pai, na Cidade Cinzenta, supervisionando tudo. Até que teve o estalo e a vontade de investir na ilha, montando seu próprio negócio, saindo assim debaixo das saias de ferro do velhote febril. Após longas negociações, houve então a escolha do terreno, a construção do estabelecimento, a montagem de tudo, o treinamento dos funcionários (trabalhamos somente com as pessoas aqui da ilha, viu?), a inauguração e o “tudo caminhando de vento em popa”, graças a muito empenho pessoal e muita grana liberada a contragosto pelo Papis.

Olha que eu – sem dar maior atenção – recordei que durante minhas caminhadas cheguei a acompanhar as diversas etapas daquela obra, antes de me tocar que aquele galpão enorme na esquina da Rua Weiss um dia seria o tal do supermercado. Achei incrível que tudo isso aconteceu debaixo das minhas narinas arenosas e eu nunca atinei para nada.

Oh, como eu sou desligado!

Vida perfeita, vida vazia. Algo mantinha um enorme buraco na alma de Enrico. A vontade alucinada de “fazer” com homem, ter a Experiência, saber se era ou não “bissessual” (palavra dele), porque bicha ele sabia que não era (hã-hã, cala-te Bambee. Em boca fechada... não entra piroca).

Eis que a viril mariposa translúcida aqui surgiu nos domínios do brucutu apaixonado. Segundo Enrico, foi pau duro à primeira vista. Ele jurou que, quando bateu o olhar sobre mim-eu-mesmo, perdeu o chão. E tentou de todas as maneiras uma aproximação discreta, até que finalmente sua sorte deu duas bolas dentro.

Pedi desculpas, rindo pra caralho, por nunca ter reparado em suas investidas. Eu sempre fui um cara muito introspectivo, fechado em demasia para o mundo dos outros. E agora, depois de casado, era impossível eu me engraçar com outro homem, em teoria.

Meu casamento estava uma bosta, confesso. Ele pra lá, antiquado, enfiado entre suas réguas, papéis, lápis e calculadoras dinossáuricas (Rivo era projetista de móveis) e eu pra cá, antenado, enfiado nas minhas receitas naturebas, sempre inventando pratos nutritivos e apetitosos pra o deleite dos meus fãs (eu ganhava dinheiro promovendo receitas vegetarianas em um site fofíssimo). Confirmar que há mais de quatro anos dividíamos a mesma casa, os mesmos cães, a mesma cama e mais nada; e há dois, acomodados no erro, subtraímos o diálogo, o carinho, a atenção, o prazer.

Éramos mestres em multiplicar sonhos desfeitos. Somávamos covardia, comodismo, frustrações e destemperos.

Ser cortejado por Enrico me trouxe ânimo para arriscar uma escapada. Eu sou homem e todo homem trai. Por sacanagem ou caridade, eu estava disposto a sentir aquele macho, oferecendo momentos de bom diálogo, proporcionando carinho, atenção e um pouco de prazer honesto. Tudo aquilo que eu não tinha mais em casa, eu esperava resgatar numa rápida aventura sem demais consequências marcantes.

A chuva aumentava sua sinfonia, promovendo nossa proteção do universo alheio. A desculpa perfeita para um atraso, o esconderijo ideal para uma pegada mais forte, sem resquícios futuros.

Joguei tudo para o alto. Forcei aquela mão virgem a me tocar como se deve. Enrico, suando, tremendo, confuso, em êxtase, em pânico, acariciava meu pau com receio e desejo na mesma tacada.

Precisei de três segundos pra confirmar que ele havia dito a mais pura verdade. Enrico era virgem. Inacreditavelmente ingênuo no trato com outro pelúnico.

Dopados pela Luxúria, navegando para o local do crime, estávamos perigosamente no fim da minha rua, num breu completo, embalando nossas ousadias ao som dos pingos raivosos que salpicavam por todo o carro. Tentei reduzir a tensão daquele homem, envolvendo-o num caloroso abraço, buscando o carinho dos seus lábios inquietos, ganhando a confiança de um primeiro beijo e a doçura de um instante mágico.

Do selo de lábios fechados partimos para a guerra aberta de línguas afogueadas. Enrico tomou meu corpo em agonia, apertando-me com fúria, mordendo minha língua, ou meus lábios, ou meu pescoço rijo, molhado, salgado.

Procurei não deixar marcas visíveis em seu corpo arredio, sufocando a tentação suprema de morder sua carne de primeira que se revelava atrás dos panos, arrancando à força toda a estrutura do nosso prazer contido.

Calças arriadas, punhetas eram batidas, gemidos consumiam o ar rarefeito.

“Eu nunca peguei num pinto que não fosse o meu”, ele disse, rindo em histeria, de tão nervoso, afoito por aproveitar cada chacoalhada para cima e para baixo no meu cacete já bem esfolado.

Uma bela cuspidada nas mãos sanou o problema. Enrico achou tudo aquilo o máximo, imitando todos os meus atos e movimentos e atrevimentos maravilhosos.

Mais um beijo. Era chegado o segundo grande momento da nossa festa. Rebaixei o banco mecânico do motorista elétrico, tornando um pouco mais confortável aquele corpanzil pingante, onde um pau saltitante implorava pelas minhas carícias inéditas.

E não me fiz de rogado. Proporcionei a Enrico a chupeta dos deuses.

Urros, gritos, sussurros, “ai meu deus, que delícia tudo isso” e demais frases feitas saltaram das suas entranhas até então estagnadas.

Aquele corpanzil se contorcia, vibrava, levitava, planava ao sabor da minha boca, onde eu comandava o robusto *joystick* do inédito *game* apenas delirando a ponta da minha língua para lá e para cá, para cima e para baixo, em todos os lados e ângulos perfeitos.

O macho, que finalmente perdia sua virgindade, não conseguiu se conter. Quase me sufocando num abraço tresloucado, suas mãos grudentas e agitadas forçaram minha cabeça junto ao saco de bolas rígidas. E assim minha garganta foi tomada pela pureza de um leite denso, sedoso, amornado.

Mesmo travado, com ânsia e quase sem ar, permiti que todo o prazer daquele homem adentrasse meu corpo, confiando na provável sorte de que éramos limpos e protegidos, agraciados por um ato válido de paixão e descobertas.

Exausto, apoiando a cabeça no vidro feito um Garfield de pelúcia e ventosas úmidas, exalando vapor que criava formas difusas na janela enregelada, Enrico ria e chorava e gritava e não acreditava no que acabara de fazer.

Eu temi de imediato que ele surtasse de arrependimento, ou tivesse um ataque de fúria por ter cometido – na sua vã ignorância – o Pecado ou algo mais idiota que pudesse tomar forma na sua indefesa mente atribulada.

“Eu não posso ir embora sem fazer o mesmo por você”, foram suas palavras, regurgitadas num sufoco tardio.

Enrico empurrou com violência meu corpo contra o banco de couro, de imediato agarrando meu saco, enchendo sua mão esquerda, enquanto a mão direita repunha vidas ao meu caralho assustado.

Uma boca sem ritmo beijava a cabeça do meu pau e em movimentos ridículos Enrico tentava degustar meu membro assustado.

Meu deus, mais uma prova cabal de que ele era virgem, virgem, virgem!

Tentei auxiliá-lo no desafio presente. Aos poucos, Enrico foi pegando o jeito, chupando sem morder ou engasgar.

Feliz com o desenrolar da nova brincadeira, aquele homem passou a rir e a se divertir com o brinquedo surreal de machos adultos. Só de imaginar que ele estava chupando um cara pela primeiríssima vez fez com que eu me sentisse o último Rei da Fodaria.

Um bobo da corte, o pupilo discípulo, o meu homem acriançado delirava lá no mundo inferior, deixando-me sob a regência do bailar da sua boca a devorar meu Portentoso imensamente feliz.

Num rebolado mecânico, procurei prolongar ao máximo a diversão, mas é claro que não pude controlar o resultado da minha volúpia. Abri os braços, segurando em qualquer lugar da carroceria. Deixei a cargo de Enrico o direito de sentir minha porra em sua boca ou não.

Surpreso, realmente admirado, vi aquele homem apreciar minha volúpia sem pestanejar. Como num transe, superando a totalidade dos seus medos e tabus, Enrico se deleitava com meu leite, lambendo o excesso que escorria pelo vão das minhas coxas almofadas.

Para encerrar a Passagem, meu Iniciado buscou o delírio do meu abraço. Mantive sua frente empapada apoiada na altura do meu coração, separando com carinho seus cabelos vaporosos que grudavam na nuca afogueada, onde seu corpo ganhara alguns minutos de consolo em nossos derradeiros segundos finais de satisfeita ilusão.

Selamos nossa louca aventura com um ácido beijo profundo, demorado, violento e delicado.

O segundo encontro

Passei seis semanas acampado no Continente, estudando novos formatos em mídia para adicionar ao meu site, na sufocante busca por patrocínio, na pesquisa de novas receitas, na fuga para esquecer o meu malfadado casamento.

Quando Jakob – que era meu produtor, agente, confidente e meu único amigo – me sugeriu viver um tempo longe de casa, acautelado na sua nova residência, topei no ato.

Desde minha aventura com Enrico, eu já não conseguia mais encarar meu marido. Se Rivo notou minha súbita mudança de comportamento, não se manifestou.

Ele jamais quis afrontar nossas verdades.

Mesmo na merda de algo que caminhava galopante rumo à destruição, eu não achei justo o que fiz com meu companheiro.

Minha mãe me educou para ser honesto e fiel a quem escolhi amar e conviver, mesmo tendo todas as desculpas do mundo para cometer o ato que me deu trinta minutos de alegrias imensuráveis.

É fato: aquela aventura que deveria ser passageira e esquecida em nada se firmou como deveria, ao menos de minha parte, por mais que eu lutasse contra certas vontades.

Amar e conviver. Desde quando eu havia perdido tais parâmetros?

Oh, meu marido, o que fizemos para que tudo atingisse o podre ponto atual?

Como todo acaso que nunca acontece por acaso, foi numa tarde sufocante que esbarrei em Enrico mais uma vez.

Assim que eu voltei da Cidade Cinzenta, é desnecessário afirmar que não coloquei mais os pés no supermercado. Ato imaturo e egoísta. Não tive coragem de encarar meu amante de instantes.

Acredito que se ele não tivesse alguém, não fosse comprometido, talvez eu investisse numa segunda chance, porém a vida não havia nos brindado com essa possibilidade. Eu queria acreditar que Enrico tivesse satisfeito sua curiosidade, e que tudo seguiria exatamente como sempre deve ser.

Descobri que eu estava bem, bem, bem enganado.

* * *

Esbarramos nosso destino durante minha rotineira caminhada.

Todos os dias, assim que o sol começava a dizer adeus, eu saía para caminhar nos arredores de Gobsun, arrastando meus pés na areia, curtindo o friozinho das

ondas a beijar meus dedões rosados, jogando meus pensamentos ao longe, na esperança de que o mar traria tudo de volta, carregados de inspirações para minhas receitas saudáveis, meu ganha-pão e único prazer de outrora.

Quando aconteceu o inesperado encontro, eu me sentia como num clipe da Britney “Horível” Spears; caminhando pela praia, linda, leve e loira. Um cãozinho pudoullito a fazer macaquices entre minhas pernas e, de repente, meu príncipe bem ali, encostado no capô da picape bem encerada, de bermuda, camisa aberta e peito arfante, a apreciar minha etérea falsa beleza photoshopiana.

Corre, corre, corre cachorrinho, me leve para junto do seu patrãozinho!

“Ela está num passeio com os pais, levou o Júnior e eu... resolvi tirar o resto do dia de folga... e rodei a porra dessa ilha inteira na esperança de encontrá-lo novamente. Quase cometi a loucura de bater a sua porta. Caralho, por que você sumiu?”

Eu não havia ensaiado uma resposta honesta pra justificar o que não podia ser justificado. Na praia deserta, sem humanos num raio de dezenas de quilômetros, demos um belo pontapé no rabo da Razão.

Entrelaçamos nossos pelos em peitos abertos, trocamos um beijo rústico – beijo de macho – e éramos analisados pelo olhar boboca do pequeno peludo da madame traída, estrebuchado na areia compactada.

Fora da temporada, praticamente todas as praias da ilha ficam desertas nos fins de tarde. Você pode nadar nu, andar nu, até fazer amor sem problemas, sem ser incomodado.

Lovland é o Paraíso!

Para não sermos interrompidos, o luluzinho foi deixado na parte aberta da pequena picape, entretido com um hipopótamo de borracha chamado Malaquias.

Enrico, macho carinhoso às antigas, pegou minha mão esquerda com tremenda delicadeza e assim caminhamos alguns metros adiante do seu carro, enamorados.

Sem destilar palavras desnecessárias, apenas nos entregávamos ao direito de sentir o calor de nossas mãos unidas, curtindo lapsos de liberdade, abençoados pelo vento sul e pelo pratear de uma futura lua cheia que acariciaria nossos rostos flamejantes.

Mais um beijo, e aquele era um beijo apaixonado! Um pacto acompanhado de uma daquelas pegadas que só brucutus e leões no cio conseguem reproduzir a contento.

“Vou dizer coisas bregas e repetitivas. Tudo muito batido, porém libertos do fundo do meu coração”, confidenciou-me Enrico, e pude notar o quanto era problemático para ele se soltar e exteriorizar seus sentimentos.

Ficamos mais alguns segundos temerosos num silêncio constrangedor. Eu queria protegê-lo, talvez começando outro assunto mais ameno.

Mas ele precisava colocar para fora suas amarras dilaceradas; precisava provar para si mesmo que era capaz de ser sincero ao menos uma vez na vida. Apertei com intensidade aquelas mãos titubeantes. Força suficiente para incutir segurança nas suas revelações.

Sem querer, Enrico soube aproveitar a bênção da luz escassa no horizonte.

“Eu sei que é batido”, ele repetiu. “Mas, Cara, eu... eu juro que não consigo esquecer seu andar despreocupado, seu cheiro boticário, seu gostoso pau na minha boca, a minha assustada porra descendo pela sua garganta. Não consigo deixar de sentir os fragmentos do seu suor nessa minha camisa que fiz questão de usá-la ela hoje. E ela... eu juro... ela ainda guarda você impregnado no tecido”, disse um maduro homem de olhos lacrados, tropeçando na formulação correta da frase, abalado pelo sacrifício da exposição de sentidos obtusos.

Eu não tinha nada a dizer. Apenas trouxe sua alma para o meu íntimo, dando a volta e encostando meu báculo em sua fantástica bunda rochosa, beijando-lhe os ombros em sinal de carinho fraterno.

“Me come!”, veio a frase aguda, cortada num choro sem lágrimas. “É isso que eu quero. Por favor, eu quero que você foda meu cu. Agora!”, vociferou um macho possuído pelo instinto de libertação.

Já era noite quando degustamos um ao outro. Lambi um rabo magnífico. Mordi e lasquei tapas numa verdadeira montanha-russa da luxúria. Perfurei um desajeitado cu apertado a morder a cabeça da minha ofegante pica em brasas.

Confiando na cegueira da volúpia, eu penetrava aquele rabo com selvageria, mandando as favas proteções e bom senso.

Senti o cheiro e o gosto do sangue de pregas desvairadas sendo dizimadas pelo meu tentáculo experiente. Minhas mãos suadas abriam passagem num Mar Vermelho que tingia meus dedos brancos, afilados, impiedosos. Meu caralho destroçava cada prega-obstáculo, arrebetando carnes, evaporando sangue, libertando aquela alma.

Enrico puxava meu corpo para dentro do seu corpo. Suas mãos carregadas de areia fustigavam minha pele sensível, onde traços do meu sangue ralo firmavam pacto eterno com o sangue amorenado daquele rabo deflorado que pairava em minhas mãos instáveis.

Foda-se, foda-se. Fode-me, fode-me!

Exaustos, desabamos na areia vítrea quando despejei litros de água árabe que vazaram por todos os nossos poros. Meu pau, perdendo forças, era amaciado pelo cu

de Enrico, dolorido e piscante, ambos realizados. O cu e o homem deflorado... e o Comedor também!

Antes mesmo de esfriarmos nossos ânimos, Enrico empurrou minha carcaça para um lado, onde meu pau espocou cu afora, melado, acabado, fedido de um cheiro delicioso de machos satisfeitos pelo dever cumprido.

Dever cumprido? Ainda não!

“Chupa meu pau!”, exigiu Enrico, com a vara cheia de areia a estapear minha boca desprotegida.

Chupeei, cuspi os excessos, voltei a chupar com a boca ferida, raspada, fendida. Na minha mente marijuana, era como se o pau de Enrico houvesse tomado proporções dantescas, machucando com deleite o meu céu sem estrelas.

Entendi o recado. Piroca lubrificada, era minha a vez de ficar de quatro, bem submissa, enquanto meu *homo sapiens* provava que era capaz de me fazer sua fêmea satisfeita e fertilizada.

Repleto de experiência e autoridade no Ativo, o homem deflorado alargava minhas pregas com seu caralho causticante. Foi uma trepada coelhinho, deliciosa.

Enrico, aos berros, arrancou o cacete do meu cu ardente, depositando sua essência no vão das minhas nádegas arroxeadas, onde suas mãos hábeis espalharam a avinagrada textura pelas minhas costas esquálidas, ensopadas, doloridas ao sentir o peso daquele monstro ainda envolto em lava incandescente.

Sua boca, tempestuosa, não perdeu tempo. Pude senti uma língua insana a lambar e consumir o próprio veneno nas curvas das minhas arcadas arrepiadas. Um veneno misturado com o antídoto proveniente do meu rabo pasteurizado.

Na confusão de sentidos sem sentido, nos empanturrávamos com o nosso prazer proibido.

Um terceiro ato

Era o começo do mês das festas e passagens de tempo e espaço. Em casa, solitário, curtindo uma nova experimentação culinária, me peguei pensando em Enrico, onde uma vontade imensa de reencontrá-lo assolava meu peito, avolumando meu travesso cabo de boa madeira.

Nesse hiato que se formou desde o nosso último encontro, nas poucas vezes em que estive no supermercado – sim, voltei a frequentá-lo! –, não tive uma chance sequer de um encontro discreto, falsamente casual.

Que tortura vê-lo pelos corredores e não poder engatar uma aproximação!

Noutras vezes, eu queria me iludir, acreditando que tudo não passara de um desencontro de horários, já que eu descobri (santa Mônica, a menina do Caixa) que Enrico agora pouco parava em seu comércio, correndo a todo instante para realizar a entrega das mercadorias em domicílio (ele adorava fazer isso) ou resolver pepinos junto a fornecedores, ou cruzar a ponte para atender os devaneios do Sr. Molena, o Grande Pai Dele de cada Dia.

Rivo participava de uma exposição de móveis no Continente. Um evento que geralmente durava três dias, mas que dessa vez o obrigara a se ausentar por quase uma semana. Eu sabia que o restante do tempo fora das obrigações de trabalho seria preenchido em rodadas de bar em bar, tudo para camuflar seus medos bem fundamentados.

Decidi dar um basta em toda aquela farsa. Prometi a mim-eu-mesmo que assim que ele voltasse, nós teríamos a última conversa e decidiríamos de uma vez o nosso presente.

Como de costume, pouco depois das cinco da tarde, fui dar meu passeio pela praia. O mar estava revoltado e não era muito aconselhável se aventurar na sua proximidade. Caminhei pela orla, alternando trajetos ora na areia, ora no único asfalto que corta toda a ilha. A cada projeção de carros ao longe na avenida ou mesmo nas areias e suas trilhas, minha mente tentava identificar a picape de Enrico, em vão. Meu príncipe desvirginado não chegaria mais a bordo do seu italiano cavalo branco.

Era domingo e um frio prenunciado enfurnava todos os nativos em seus lares. O supermercado estava fechado e aquilo me deixou ressabiado, pois o local nunca encerrava seu expediente antes das oito da noite, todos os dias, inclusive domingos e feriados.

Sete e dois. Eu ensaiava a volta para casa. Melancólico, exausto, vazio. Nem percebi que mudei meu trajeto habitual a troco de nada. Mas o terceiro e derradeiro ato falho ainda estava por me surpreender numa tacada sacana de algum filho da puta lá de cima.

Dei de cara com Enrico entrando, sozinho, em um barulhento culto evangélico promovido num salão fuleiro e muito suspeito que morava no meio do meu balneário.

Entre abraços cordiais e caras e bocas hipócritas diante do pastor que mais parecia um pagodeiro de quinta, lá estava meu admirador empunhando bíblia e hinário, desconfortável dentro do seu uniforme social, calabouço do inferno.

Atônito, ofegante, emputecido, fiquei rondando o local feito um lobo no cio, aguardando o instante exato para foder meu Chapeuzinho Rúbeo.

Graças ao demo, chegou o último hino de louvor, seguido de um Pai Nosso proclamado aos gritos, acompanhado de Amém e Glórias e abraços e despedidas.

Antes que ele pudesse alcançar seu Fiat, eu o interceptei. Nada contra sua “religião” ou suas crenças impostas, mas eu sabia que ali havia algo que não cheirava maresia.

Enrico não combinava com aquele espetáculo deprimente, muito menos com aquele lugar!

“Oi Enrico”, eu disse, saindo das trevas, sem conseguir esconder minha gritante decepção.

“Oh, puxa... Olá Cara. A paz do Senhor esteja contigo”, ele respondeu, diminuto, como se estivesse na frente de uma assombração. Durante seu cumprimento decorado, pude notar em seu olhar o Espanto e a Confusão digladiando ignorâncias no interior da sua alma manipulada.

“Onde está sua família?”, perguntei, bestamente, caçando aberturas.

“Ah, minha mulher e o Júnior estão em casa. Eles ainda não compartilham o chamado do Senhor”, proclamou o homem sem pecado, tentando se recompor.

“A propósito, você está pronto para receber Jesus no seu coração?”, questionou Enrico, cínico, ignorando que acabara de cometer um grande erro.

Eu tentei ser polido, mas jamais me renderia aos desígnios da Hipocrisia, essa lazarenta manca. Inspirei fundo e perguntei o óbvio inevitável:

“O que você está fazendo aqui? Quem você quer enganar?”, eu quase gritei com ele, perdendo a delicada compostura que eu já não dominava.

Enrico apertava a bíblia de encontro ao peito arfante, o mesmo peito que fora mordiscado um milhão de vezes pela minha boca sedenta na busca do prazer com dor, tentando a todo custo desviar seu olhar difuso do meu olhar direto, fulminante.

Notando que já não havia mais ninguém nas proximidades, lasquei um beijo à queima-roupa naquele ingênuo zumbi tresloucado. Não obtive sucesso total na minha maquiavélica empreitada.

Ao menos o Patético sentiu novamente o gosto da minha saliva e o roçar da minha língua aguda na sua língua miúda. Ele desvencilhou meu ataque com severidade, assustado, olhando ao redor, temeroso em ser pego no pecado, empurrando-me para longe de si, fazendo com que eu perdesse o equilíbrio, me estatelando no chão melecado de areia e grama.

Abalado, porém impondo a si mesmo uma patética pose fria e arrogante, ele me estendeu a mão gelatinosa, a qual foi desprezada de imediato, enquanto eu me aprumava pelas minhas próprias forças jamais derrocadas.

“Não quero seguir adiante e permanecer maculado aos olhos do Senhor, Cara. Tente entender. Não posso provocar a ira de Deus, permanecendo nessa vida impura e...”

“Deus não está nem aí para a nossa putaria, seu idiota. Se o Criador odiasse e fosse contra sua própria criatura, ele não seria Perfeito e assim, não seria Deus. Porra, caralho. Tudo é tão lógico!

“Como vocês, cambada de ignorantes da porra, não conseguem aceitar a única Verdade? Como você não percebe que quem condena não é Deus e sim o homem ignorante?”, eu estava louco, fora de mim, não querendo aceitar que Enrico havia se debandado para o lado Idiota da Força.

“O que vivemos, seu burro, foi algo libertador. Não foi uma foda qualquer. Foi a realização do *seu* desejo mais íntimo, aquilo que *você* escondeu e carregou em amargura por longos quarenta e dois anos! Acorda, Enrico, antes que você morra frustrado e sozinho”, vociferei, tentando em vão baixar meu tom de voz.

“Mas a bíblia diz que...”, ele ainda tentou impor palavras vazias, sermões decorados por macacos amestrados.

“Aprenda o seguinte, seu merda: A bíblia é apenas um livro histórico repleto de lições moralistas que serviam para abrandar e assustar os selvagens de outrora. A bíblia só é sagrada na visão daqueles que a manipularam por séculos e séculos, deturpando os escritos, adequando-os para suas conveniências a dominar a massa ignorante para que pudessem se fixar no Poder. A bíblia é um emaranhado de contradições, onde versões costuradas, fragmentadas de versículos e frases e histórias difusas são até hoje interpretadas de acordo com as imposições de quem se acha ‘o escolhido’, usando de sua influência e lábia para confundir a mente dos fracos, adequando a Palavra para atingir a sua gana de poder e honrarias. Nada, além disso. A bíblia, Enrico, não é e nunca foi a Palavra de Deus... não no sentido que os

Homens a transformaram. As diversas versões da bíblia, meu amor, são crias do homem, nada têm de divino, pois Deus não se prestaria a papel tão baixo...”, eu professei, vomitando tudo de uma só vez.

Enrico compreendeu a verdade, mesmo sem querer aceitar a Verdade, enquanto afrouxava sua gravata laranja berrante, tentando se libertar do seu fardo inacreditável. O derrotado, a contragosto, abriu a janela da lógica, confrontando minha real vivência com sua falsa esperança de salvação.

“Sabe, Enrico, a única frase bíblica que nunca foi modificada e que realmente foi enviada por Ele através de um Mensageiro é a seguinte: DEUS É AMOR. Então... se Ele é Amor, Ele é Perfeito, assim como o Amor é e sempre será o mais puro, libertador e nobre dos sentimentos”, completei meu discurso, expondo sem impor aquilo que eu acredito, por ter experimentado na alma, não teorizando nada em minha zilioquinquagegésima existência.

“Amar uns aos outros... como EU vos amei...”, pontuei, num sussurro emocionado. “Quem ama, Enrico, não julga. Aceita e aprende a conviver com a beleza da Diversidade. Amar é o único ensinamento divino. O único!”, encerrei a proclamação das minhas verdades.

Enrico avaliava os fatos, desmoronando diante da lógica sensata de tudo o que fora exposto. Atado ao último fio de hipocrisia, ainda tentou justificar o nosso encontro, fugindo em desespero daquilo que seu coração sabia que era real: ele sabia que eu não era apenas Sexo.

Enrico estava amando. Pela primeira vez na vida!

“Eu não vou... deixar minha... esposa e meu filho pra me... me perder com você”, Enrico tentou infantilmente apontar o ridículo do óbvio.

“Enrico, meu relacionamento com o Rivo é uma bosta. Estamos a ponto de nos separar de vez. Mas em nenhum segundo sequer eu aventei a possibilidade de ficarmos juntos, eu e você. Quem é o Enrustido Frustrado da Silva do caralho aqui é você, não eu!”, afirmei, puto, inspirando profundamente, tentando encontrar meu eixo, antes que eu partisse para a ignorância bestial e resolvesse tudo em pancadas aleatórias, resultando em lascas de sangue bem pisoteadas.

“O que tivemos foi uma tentação passageira. O prazer da carne, nada mais que isso...”, continuou Enrico a destilar palavras vazias, onde nem mesmo ele sentia firmeza em suas declarações sem um mínimo de sensatez.

Ele sabia a verdade. Mas não queria aceitar a Verdade.

“Prazer da carne, seu asno, você pode conquistar pagando uma puta para chupar o seu pau. Coisa que sua mulher ainda não sabe fazer, disso eu carrego absoluta certeza”, eu provoquei, inexplicavelmente calmo.

“Você não tem o direito de ofender minha esposa”, atacou Enrico, aturdido. Em seu olhar pude pescar o ponto preciso. Senti que minha dedução encontrava respaldo certo.

“O.K., vamos lá”, eu meditei, inspirando maresia, budisticamente.

“O que você sentiu por mim, Enrico, não foi somente tentação da carne. O que você sentiu, experimentou, viveu, compartilhou comigo foi a realização plena da sua real natureza. E não estou falando de ser gay ou bi ou tri ou pentassexual. Amor, Enrico, a porra do Amor não tem sexo. Você descobriu no gosto da minha porra o elixir da vida eterna, da juventude, da alegria de gozar em plenitude aquilo que você escolheu viver muito antes de sair do buraco sagrado da sua santa mãezinha.”

Enrico fez um “O” com a boca emaranhada, derrubando seu hinário na grama encharcada.

“Sim, Enrico, ser gay é uma opção, traçada muito antes de você por os pés aqui nessa Terra. E se você é contra aquilo que já havia escolhido, você cai no sofrimento desnecessário em relacionamentos falsos, hipócritas, vazios, pontuados de dor e ilusões.

“Aquilo que você sentiu quando me viu pela primeira vez, seu trouxa, não foi apenas paixão de pica. Foi o entrelaçamento de afinidades, de almas que inconscientemente buscavam a mesma coisa, dividir os mesmos ideais. Não importa se curtimos trinta minutos ou trinta anos de uma união magistral, Enrico. O que vale é que dentro dessa sua picape você descobriu o ápice do prazer, da liberdade e da proteção. E ainda teve a chance, sorte e privilégio de sentir a fagulha de um amor verdadeiro.”

Enrico fixava o olhar na direção de um oceano envolto em névoas escocesas. Era palpável sua compreensão diante das minhas frases bem alicerçadas, onde lágrimas explodiam dos seus olhos vitrificadas e seu corpo aos poucos se encurvava, dilacerado pelas lâminas afiadas da grande Revelação.

“Se precisamos viver nossas missões com ‘Rivos’ e ‘Renatas’ da vida, é algo que simplesmente temos que encarar como carmas a serem cumpridos. Devemos dividir com essas pessoas aquilo que temos que resgatar junto com elas. Os envolvidos sempre aprendem suas lições, cedo ou tarde. E só assim podem evoluir em suas trajetórias individuais.

“Mas saiba que a nossa aventura, a nossa escapada, não foi algo pautado na pura sacanagem, no desejo de exacerbar nossos instintos primitivos de ilusória satisfação sexual. Nós precisávamos um do outro naquele exato instante de um precioso e necessário encontro. Um encontro certo, por vias tortas. Você consegue compreender agora como as coisas funcionam? Consegue perceber como o Pessoal lá do Alto

inspira os nossos destinos?”, abordei Enrico, com todo o carinho que ainda havia intacto em meu coração quase a explodir, bombardeado por diversos fatores além da minha razão.

Eu não sabia a força que eu carregava no meu machucado interior.

“Por favor, entre no car...”, ele disse, trezentos minutos depois, asfixiado em lágrimas, quase sem forças para emitir mais nenhuma frase completa ou sensata.

Rodamos toda ilha em silêncio. Mantínhamos as mãos fundidas, onde a união da carne era desfeita apenas durante a troca necessária de marchas.

Repousei minha cabeça no ombro maciço de Enrico, ora beijando-lhe o pescoço, provocando arrepios em ambos; ora beijando-lhe o rosto, onde meu homem procurava atingir seus lábios nos meus, tentando não perder a atenção na estrada adiante, mesmo patinando a dois quilômetros por hora.

“Você acha que devo abandonar tudo: minha família, meu trabalho, até mesmo Lovland, para viver aquilo que eu sou?”, perguntou Enrico, quando encontramos um lugar isolado para conversarmos, mantendo espíritos unidos pelo suor e fartura de carinhos.

“Não. Fugir não vai levá-lo a nada”, eu afirmei, categórico.

“Foi intenso aquilo que vivemos, Enrico. O sexo descoberto por você através de mim, de certa maneira realizado de um jeito selvagem e incompreensível aos olhos dos que se acham ‘normais’, lhe serviu como estopim para a deflagração da sua liberdade íntima. Isso é um fato.

“Sabendo agora o que você é e sente, e se você se aceita na sua recém-encontrada felicidade, cabe a você ser honesto consigo mesmo, maturando aquilo que viveu ao meu lado: o prazer, o amor, a liberdade, a compreensão dos seus sentimentos mais íntimos”, eu expus, procurando não repassar a impressão errônea de uma imposição, já que não era essa a minha sincera intenção.

“Dê um tempo para você se conhecer como se deve. Seja correto em suas atitudes. Essa é a chave. No momento certo, você saberá o que deve fazer. Amar também é saber libertar. Porém, jamais abandone suas obrigações de pai, amigo, provedor de recursos e atenção para quem vai depender de você ao longo de toda essa existência”, completei, emocionado, sobre aquilo que eu tinha que deixar bem explícito ao meu amigo.

Nem eu mesmo sei de onde tirei os papiros da filosofia exata pregada a Enrico. Apenas saíra do meu íntimo o que eu certamente diria a mim-eu-mesmo, diante do espelho da própria alma.

O mundo lá fora chamaria nossa provação de “aventura”, nada mais do que isso. Uma pulada de cerca traidora, exatamente como milhares de homens praticam todos os dias, tentando fugir de suas escolhas malfeitas.

“Você tem razão”, pigarreou Enrico, quebrando nosso silêncio após o nono beijo. “Eu nunca encarei nosso encontro como algo leviano, feito apenas para afrontar o pífio envolvimento sexual obrigatório que sempre mantive com minha patroa. O que senti por você foi algo mágico. Tenho certeza de que a nossa união foi, para mim, algo libertador, sem sombra de dúvida. Eu apenas não queria aceitar a verdade, por isso me afundei no ridículo despejar dos meus medos, erros e lamúrias nas costas de um Cristo imaginário, deixando assim que a ‘divindade’ resolvesse meus desatinos... num passe de mágica... então... somos hipócritas, selvagens, acomodados!”

Eu não respondi. Apenas fiquei boquiaberto diante de tanta lucidez e coerência. Não havia necessidade de mais réplicas.

Deitados na caçamba, observávamos um cinturão de estrelas pipocando no firmamento. Era desfeita a lavagem cerebral imposta pelo fascismo neorreligioso mancomunado com a cegueira de uma ignorância trôpega, já que as verdadeiras respostas afloraram naturalmente no coração daquele homem, desanuviando seus medos, tabus e preconceitos.

Enrico brincava com os dedos mornos a criar cachos difusos em meus ralos cabelos oleosos. Eu rodopiava meu indicador no centro dos seus pelos baixos, ora esbarrando em seu membro dorminhoco, ora deslizando quatro dedos atrevidos por entre duas bolas escondidas no grande saco dos devaneios não mais ocultos.

“Você foi meu rito de passagem, não é mesmo?”, disse Enrico, compreendendo, enfim, os desígnios do nosso encontro.

“Eu te amo. Mas nunca ficaremos juntos, não é verdade?”, questionou meu *homenino* sabedor da resolução do último mistério.

“Eu apenas servi como trampolim para sua Grande Viagem, Enrico”, afirmei, tentando me desapegar às emoções de uma carne forte, mas uma mente fraca.

“Você apareceu na minha vida para fazer com que eu percebesse que ainda havia no meu ser aquela chama sagrada que só você soube, como ninguém, reacender dentro de mim-eu-mesmo. Eu me senti amado, desejado, vivo mais uma vez. Pelo que nós dividimos, pouco importa se por tempo exato ou não, eu tive a chance de dar a volta por cima e ter coragem de me libertar das amarras do egoísmo, não permitindo que Rivo se livrasse de mim e voasse à procura da sua felicidade, da mesma forma que eu também mereço ser feliz com alguém traçado nas mesmas afinidades...”, despejei tudo num fôlego só.

“Sei que jamais vou esquecer a experiência de vida que tive com você. Que eu possa me aceitar e me descobrir por inteiro no tempo certo, do jeito certo, sendo correto não só comigo mesmo, mas perante todas as pessoas que hoje fazem parte do meu caminho”, despejou Enrico, também numa única e impressionante tacada final.

Ficamos em silêncio, degustando os instantes ocultos das nossas redescobertas. No dia seguinte haveríamos de encarar nossas realidades e tocar nossas vidas cada um seguindo seu próprio roteiro.

Afinal de contas, vale repetir que amar é saber libertar!

Pelo menos naquele espaço-tempo, nos confins de Lovland, selávamos nossa missão contorcendo e entrelaçando nossos corpos não mais no sexo animalesco, e sim no enlace de carinhos e afagos e beijos e toques e o degustar de nossas essências emanadas de nossos maravilhados sexos durante o último meianovear entre dois machos libertos para o Amor...

... resultado de uma Primeira Vez, talvez num Segundo Encontro, onde a Verdade culminou num Terceiro Ato.





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**